



Editorial

O presente número da *Aurora* apresenta o dossiê “K. L. Reinhold: representação, linguagem, razão”, organizado por Federico Ferraguto (PUCPR) e Pierluigi Valenza (Università La Sapienza). Para Ferraguto e Valenza, “K. L. Reinhold (1758-1823) foi um dos protagonistas do debate filosófico sobre a filosofia de Kant, que se desenvolve entre os últimos dez anos do século XVIII e o começo do século XIX. Na sua longa carreira filosófica, que o leva a ser professor em Jena e Kiel, Reinhold atravessa as variadas tendências filosóficas da sua época e explora as diversas opções abertas pelo kantismo. À medida que abre a via para uma fundação da filosofia a partir de um princípio prático-teórico único, o filósofo confronta as diversas perspectivas filosóficas e as várias abordagens metodológicas da sua época, da psicologia à filosofia transcendental, à filosofia da natureza, à filosofia especulativa do absoluto. Na multiplicidade e complexidade das suas tentativas, Reinhold passa da fundação da filosofia crítica por meio de uma teoria da faculdade de representar e da formação da filosofia elementar a uma aproximação da filosofia transcendental de Fichte, até uma visão realística do pensamento orientada pelo realismo racional de Bardili e uma metacrítica da linguagem como filosofia primeira. Representação, pensamento, linguagem são termos que, longe de indicar um conjunto de tentativas fragmentárias e heterogêneas, permitem traçar um desenvolvimento contínuo e avaliar o impacto, não sempre recepcionado em toda sua importância, do pensamento de Reinhold na discussão filosófica da sua época.

“O estudo do pensamento de Reinhold abre hoje em dia novos horizontes de pesquisa sobre a filosofia clássica alemã e sobre as origens da discussão filosófica contemporânea, também graças ao

desenvolvimento dos trabalhos de edição crítica das obras do filósofo, pelas *Gesammeltes Schriften*, cujo primeiro tomo foi publicado em 2008, assim como pela publicação do epistolário do filósofo desde 1983. À luz de um renovado contexto filológico e de uma mais desenvolvida consciência histórica, não se trata apenas de ‘reabilitar’ o pensamento reinholdiano, contra os preconceitos que o tornariam apenas uma etapa entre Kant e Hegel, e sim de retomar e aprofundar o estudo do pensamento reinholdiano por si só e observar criticamente dois dos principais lugares comuns que caracterizam a recepção do pensamento dele: o seu ser um simples divulgador da filosofia kantiana e o seu ser um mero precursor do idealismo absoluto de Fichte. Através de uma investigação mais ampla, que vai da visão geral do pensamento de Reinhold até uma descrição das linhas principais da recepção dele, torna-se possível esclarecer a visão filosófica reinholdiana como um campo de tensão entre transcendentalismo, psicologia, especulação e metacrítica, a que temos que acrescentar a afirmação do primado do prático. Neste sentido, e tanto do ponto de vista histórico como do teórico, um estudo e uma discussão aprofundada do pensamento reinholdiano podem abrir um território fecundo para o desenvolvimento de uma filosofia *auseinem Prinzip*, que vá de Kant para além de Kant e se torne relevante até no âmbito da discussão contemporânea.

“As contribuições apresentadas neste dossiê, o primeiro publicado no Brasil, visam, por um lado, mostrar este movimento de retomada do pensamento reinholdiano e, por outro lado, aprofundar alguns elementos conhecidos da filosofia de Reinhold, como questões que só há pouco tempo se afirmaram na *Reinhold-Forschung*. Os resultados da pesquisa filológica e da descoberta de novos recursos, que, conforme mostrado no artigo de Radrizzani, permitem reconstruir o caminho filosófico reinholdiano, aparecem já na reconstrução da adesão do filósofo à maçonaria, que se reflete na formação dos ideais iluministas que sempre irão caracterizar a construção filosófica reinholdiana, caracterizada por uma junção estrita entre rigor argumentativo e implicações práticas, sendo que para Reinhold a fundação rigorosa, típica do pensamento reinholdiano, coincide com a reflexão sobre a capacidade da multidão de sair de uma condição de minoridade. É claro que o povo tem que ser guiado, mas

isto não tira o fato de que ele seja provido de uma inteligência e de uma virtude espontânea, que irão providenciar uma conduta positiva e responsável, no momento em que ele for libertado da opressão da erudição escolástica e do moralismo feroz de certos educadores.

“A avaliação positiva das forças do senso comum representa um elemento fundamental para entender a reflexão de Reinhold acerca da transição do ponto de vista ordinário à consciência filosófica. O artigo de Imhof mostra como este aspecto qualifica a reflexão do autor que, ligado à tradição filosófica do *common sense* e mesmo aparecendo no começo da sua atividade filosófica fiel ao veredito de Kant, conforme o entendimento comum não pode ser aceito pela filosofia, apresenta uma metodologia filosófica que atribui ao entendimento comum uma função essencial. Enquanto este último tem que providenciar um conjunto de fatos empíricos da consciência, a razão filosofante tomaria estes fatos como ponto de partida da análise filosófica e estabeleceria os fundamentos *a priori* e transcendentais deles. A análise filosófica justifica e explica a crença básica do entendimento comum. Esta explicação faz parte do projeto de construção de uma filosofia elementar, que Reinhold desenvolve justamente a partir de 1791 através de uma elaboração do conceito de fundamento que, conforme mostra Fabbianelli no seu artigo, retoma nominalmente o correspondente conceito kantiano. Porém, enquanto para Kant aparece fundamental a questão da síntese, que permite fixar a impossibilidade, para a filosofia, de partir de definições, Reinhold acha que uma filosofia sem apelações, como pretende ser a filosofia elementar, pode ir além dos limites impostos por Kant ao conhecimento filosófico, na medida em que ele é capaz de justificar o saber com base em fundamentos que, como são absolutamente determinados, explicam a experiência em função do fato de que não se pode duvidar sobre eles.

“Conforme alega Klotz no seu artigo, Reinhold, na sua filosofia elementar, busca fundamentar a filosofia crítica por meio de uma teoria acerca das condições que possibilitam a representação como tal, o que significa ao mesmo tempo investigar as condições que são constitutivas da consciência em geral. Trata-se de um modelo teórico que, por um lado está enraizado no contexto pós-kantiano e que, em especial, se reflete na elaboração das bases da doutrina da ciência de Fichte. Porém, por outro

lado, o mesmo modelo retorna no debate filosófico contemporâneo sobre a filosofia da mente e, em especial, no pensamento de Rosenthal. Mas não apenas a teoria da representação reinholdiana tem reflexos no debate filosófico atual: também na fase de adesão ao realismo bardiliano, a partir de 1801, Reinhold apresenta algumas aderências com o debate filosófico contemporâneo sobre o realismo, na medida em que o “real” teorizado por ele excede a identificação com a realidade perceptiva exterior. Conforme alega Ferraguto na contribuição dele, a aproximação de Reinhold ao realismo de Bardili não é acrítica e, sobretudo, privada de um certo tormento. Por um lado, Reinhold se afasta do suposto intelectualismo fichtiano justamente para alcançar um real que fica além do eu. Por outro lado, a exigência de rigor na argumentação filosófica acerca deste real o leva a conceituar uma forma de realismo que fica muito próxima das exposições tardias da doutrina da ciência de Fichte.

“O artigo de Bondeli mostra justamente como o conceito de pensamento, que Reinhold desenvolve a partir das *Contribuições* de 1801, é não apenas o único ponto de partida apropriado para filosofar, mas também não mais identificável com a faculdade de pensar. O pensamento não tem que ser entendido como representação e, portanto, não está de forma alguma baseado na relação entre sujeito e objeto. Ao introduzir essa distinção, Reinhold pretende manter o pensamento livre de conotações da atividade e do sujeito pensante. Em vez disso, o pensamento tem que ser entendido no sentido de uma estrutura e de um pensamento objetivo. Esta visão filosófica representa uma tentativa de identificar lógica e metafísica ou, em outras palavras, de constituir uma ‘lógica metafísica’ que Reinhold, conforme mostra o artigo de Westerkamp, irá aprofundar e desenvolver na última fase do seu pensamento, a partir da *Sinonímica* de 1812 e com resultados que permitem mostrar como esta lógica metafísica é comparável com a construção da *Lógica* hegeliana. Além das questões inerentes ao desenvolvimento teórico da filosofia reinholdiana, este dossiê apresenta algumas reflexões sobre outros aspectos relevantes do pensamento reinholdiano. Em primeiro lugar, pelo artigo de Fracalossi, estão apresentados os desenvolvimentos da filosofia prática de Reinhold que se desdobra de modo contínuo nos dois tomos das *Cartas sobre a filosofia kantiana* e insere a discussão moral pós-kantiana no horizonte

de uma reflexão sobre as relações entre liberdade e vontade. Por outro lado, a virada, por assim dizer, realista de Reinhold, permite, conforme mostra o artigo de Valenza, considerar a ideia reinholdiana de história da filosofia como processo orientado para uma revolução definitiva e última ligada à realização da tarefa fundamental de todo empreendimento filosófico e possível como descoberta e fundação do conhecimento que acontece por tentativas parciais dadas na história.

“A visão do pensamento reinholdiano — apresentada neste dossiê — pretende estimular a pesquisa e chamar atenção para a importância de um projeto de retomada e descoberta do percurso de pensamento do autor que, logo após Kant, tentou transformar o criticismo em uma filosofia como ciência rigorosa.”

A presente edição da *Aurora* completa-se com a sessão Fluxo Contínuo, que contém os artigos: “La orientación trascendentalista de la fenomenología de Husserl como ciencia empírico-trascendental de fundamentación absoluta. Por una ilustración sin trascendentalismo”, de Antonio Gutiérrez Pozo; “Normatividad, asimilación y transgresión en Teoría *Queer*”, de Mariela Solana e “Sobre a possibilidade de uma pragmática histórico-crítica em Michel Foucault”, de Cesar Candiotta.

- À boa leitura!

Prof. Dr. Léo Peruzzo Júnior

Prof. Dr. César Candiotta

Prof. Dr. Antonio Valverde

Editores

Prof. Dr. Federico Ferraguto

Prof. Dr. Pierluigi Valenza

Organizadores

